





John Carter Brown
Library
Brown University

JOHN CARTER BROWN
LIBRARY

Purchased from the
Trust Fund of
Lathrop Colgate Harper
LITT. D.

50
50

1054

SERMAM
DE S. IOAM
BAPTISTA.
NA PROFISSAM
Da Senhora

MADRESOROR MARIA DA CRUZ,

Filha do Excellentissimo

DVQUE DE MEDINA SYDONIA,

SOBRINHA DA RAINHA N. S.

Religiosa de Sam Francisco.

No Mosteiro de Nossa Senhora da
Quietação, das Framengas.

Em Alcantara.

Este o SANCTISSIMO SACRAMENTO exposto.

Assistiraõ suas MAGESTADES, & ALTEZAS.

PREGOVO O P. ANTONIO VIEIRA
da Companhia de IESV. Prégador de S. Magestade.

EM LISBOA. COM TODAS AS LICENÇAS, AS

Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1644.

STEWART
DES LOAM

PHARMACEUTICAL
MANUFACTURER

100, WATERLOO STREET, LONDON, W.C.2

SOLE AGENTS FOR THE EAST INDIES

DR. J. H. B. & CO., CALCUTTA

DR. J. H. B. & CO., BOMBAY

DR. J. H. B. & CO., RANGOON

DR. J. H. B. & CO., SINGAPORE

DR. J. H. B. & CO., PENANG

DR. J. H. B. & CO., MALACCA

DR. J. H. B. & CO., JOHORE

DR. J. H. B. & CO., KUALA LUMPUR

DR. J. H. B. & CO., SEREMBAN

DR. J. H. B. & CO., PORT SWAITHER

DR. J. H. B. & CO., TAMPARINE

DR. J. H. B. & CO., PASIR GEMPAH

DR. J. H. B. & CO., BATANG KALIAH

57

Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filiū,
& audierunt vicini, & cognati eius quia magnifi-
cavit Dominus misericordiam suam cum illa, &
congratulabantur ei. Et venerunt circumcidere
puerum, & vocabant eum nomine patris sui Zacha-
riam. Et respondens mater eius dixit: Nequaquam
sed vocabitur Ioannes. Luc. cap. 1.

S E N H O R.



O dia em que nace a Voz de Deos, ju-
stamente emudecem as vozes dos ho-
mês. Admirações emudecidas são a re-
torica deste dia: *mirati sunt uniuersi*; pas-
mos, & affombros são as eloquências de
sta acção: *Factus est timor super omnes vicē
nos eorum*. He dia hoje de falarem osco-
rações, & de callarê as linguas: por isso

a lingua de Zacharias emudeceu, por isso os corações dos
Montanhezes fallauão: *Posuerunt in corde suo dicentes*. E se
em qualquer dia do grande Baptista he perigoso o fallar,
& os discursos mais discretos são os que se remetem ao
silencio; que será hoje no concurso de tantas obrigações
em que as causas do temor, & os motiuos da admiração se
vem tão crecidos? Se toda a razão dos affombros no naci-
mento do Baptista era verem que daua Deos a hũa alma a
mão de amigo: *Et enim manus Domini erat cum illo*; Quanto
mais deue affombrar hoje nossa admiração ver q̄ dà Deos
a outra alma a mão de Esposo: *Et enim manus Domini erat cū
ill.* Bem sei que disse Origiues, que dar Deos a mão ao orig.
Baptista foy desposarse com sua alma: mas muito vay de
desposorio a desposorio, porque vay muito de lugar a lu-
gar. Desposarse Deos nos desertos he cousa ordinaria; mas

desposarse Deos nos palacios: Deos desposado no Paço? Marauilha grande! He caso este em que acho contra mim todas as criaturas.

- Se lermos o Profeta Oseas acharemos, que querendo Deos desposarse com hũa alma, disse, que a leuaria primeiro a hum deserto: *Ducã eam in solitudinem, & loquar ad cor eius*
- Se lermos o Propheta Jeremias acharemos, que lembrando Deos a Hierusalem o tẽpo, que com ella se despolara, aduertio que fora noutro deserto: *Charitatem despõsationis tuæ quando sequuta es me in deserto.* Se lermos os Cantares de Salamão acharemos, que os desposorios daquella alma sobre todas querida de Deos, nũ deserto se trataraõ, noutro deserto se conseguirão. *Quæ est ista quæ ascendit per desertum:* diz no cap. 3 *Quæ est ista quæ ascendit de deserto. innixa super dilectum suum:* diz no cap. 8. Mas para que he multiplicar escrituras, se o mesmo Esposo que està presente nos pòde escusar a proua? O mysterio em que Deos mais propriamẽte se desposa com as almas he o Sacramento soberano da Eucharistia. Porque nelle (como grauemẽte notou S. Agostinho) por meo da vniãõ do corpo de Christo se verfica entre Deos, & o homẽ: *Erunt duo in carne vna.* E se buscaremos os lugares em que Deos figuratiuamente celebrou estes desposorios, acharemos, q os principaes, assi no velho como no nouo testamento foraõ desertos. A principal figura do Sacramento no testamento velho foi o Maná, durou quarẽta años, & todos foraõ de deserto: *Patres nostri mundaucuerunt Manã in deserto.* A principal figura do Sacramento no testamẽto nouo, foi o Milagre dos cinco paẽs, & o Milagre dos sete, & ambos socederaõ no deserto. *Desertus locus est. & nõ habet quod mādnet. Vnde eos quis potest hic saturare panibus in solitudine?* Pois qual he a razãõ (para q mais fudadamente nos admiremos) qual he a razãõ porque se desposa Deos nos desertos sẽpre? Naõ he o Monarcha vniuersal do mũdo, nõ he o Principe eterno da gloria? Pois jã q hade desposarse de sigualmente na terra, porque naõ busca esposa com menos de sigualdade nas Cortes, & nos Paços dos

dos Reys, fenam nos desertos, & nas soledades?

A razão he, porq̃ esposa com as qualidades de q̃ Deos se agrada não se acha nos palacios, achase nos desertos. O Sacramêto nos fundou a duvida; S. Ioão nos fundarà a reposta. Fez Christo hũ Panegirico do Baptista (q̃ de tão grãde fogeito sò Deos pode ser bastãte orador) as palauras forão poucas, a sustancia muita, & começou o Senhor assi. *Quid existis in desertũ videre? Hominẽ mollib⁹ vestitũ? Ecce qui mollibus vestiuntur in domibus regũ sũt.* Sabeis quẽ he Ioão, esse aquẽ todos sabis a ver (diz Christo.) He hũ homẽ q̃ viue no deserto: não he dos homẽs q̃ viue no Paço. Notauel dizer! Pois Senhor, este he o thema q̃ vòs tomais para prègar do Baptista? Quando quereis cõcluir q̃he o maior dos nacidos, fũdais o Sermão em que viue no deserto, & não viue no Paço? Si. Toda a perfeiçãõ resumida consiste, como dizem os Theolos: *In prosequutione, & fuga*, em seguir, & em fugir: em seguir a virtude, & em fugir ó vicio. Por isso os preceitos ecclesiasticos, & diuinos, hũs saõ positiuos, outros negatiuos; os positiuos q̃ nos mãdãõ seguir o bẽ, os negatiuos q̃ nos mãdãõ fugir ò mal. Pois para Christo resumir a poucos fundamẽtos toda a perfeiçãõ do Baptista; q̃ fez? Disse q̃ era hũ homẽ, q̃ seguia todo o bẽ, & q̃ fugia de todo o mal. E para dizer q̃ seguia todo o bẽ, disse, q̃ viuia no deserto, para dizer q̃ fugia de todo o mal, disse, q̃ não viuia no Paço. Explicoulhe Christo a vida pelo lugar, & para dizer quẽ era disse onde moraua. Ainda não digo bẽ. Para dizer quẽ era disse aonde moraua, & aonde não moraua. Para dizer q̃ era homẽ do Ceo, disse q̃ moraua no deserto; para dizer q̃ não era homẽ da terra, disse q̃ não moraua no Paço. E q̃ estãdo os Paços dos Reys da terra tão mal reputados com Deos que aquelle Senhor, que sò se desposaua nos desertos, hoje o vejamos desposado em Palacio! Marauilha grande.

LUC. 7.

Mas qual serà a razão desta marauilha? Qual serà a razão, porq̃ Deos, q̃ sò se desposaua nos desertos, hoje se desposa no Paço? A razão he; porq̃ o Paço das Rainhas de Portugal he Paço cõ propriedades de deserto, Deos cõmumẽte

desposafe no deserto, porq̃ não acha no deserto as condi-
ções do Paço: hoje desposafe no Paço, porq̃ achou no Paço
Iob 3. as condições do deserto. Quando a Iob no meo de seus tra-
balhos lhe parecia melhor a morte q̃ a vida, entre as quei-
xas que fazia della disse desta maneira. *Et nunc requiescerẽ
cum Regibus, & Consulibus, qui edificant sibi solitudines*: Sê eu
fora morto estiuera agora descãçado entre os outros Reys
& Principes, que edificão desertos. Nota uel modo de fal-
lar! *Cum Regibus, qui edificant solitudines*: Reys que edificão
desertos! Se disera Reys que edificam palacios; bẽ estaua:
mas Reys que edificam desertos! Os desertos edificam se?
Antes desfazendo edificios, he que se fazem desertos. Pois
que Reys sã estes, que trocão os termos a Architectura,
que Reys sã estes q̃ edificão desertos? Sã aquelles Reys
Greg. Pap. (diz S. Gregorio Papa) em cujos Paços Reaes de tal ma-
neira se contemporiza com auidade da terra, que se trata
principalmẽte da verdade do Ceo; & Paços onde se serue
a Deos como dos hermos, não sã Paços, sã desertos: *Qui
edificant sibi solitudines*. Bemdito, que edificão; porque ha
duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edificar
por edificação. O edificio faz dos desertos palacios, a edi-
ficação faz dos palacios desertos. Hũ Paço onde se serue a
Deos he hum deserto edificado. Paço onde sò Deos se ser-
ue, & o muudo sò se contemporiza: onde a clausura com-
pete com a das Religioes: onde as galas sã dissimulaçam
do cilicio: onde a licença do galãteo, a liberdade dos faraos
& outras mal entendidas grandezas sã exercicios de es-
piritu: onde sair do Paço para a nouiciado mais he mudar
de casaque de vida; Este hermo cortezão não lhe chamem
Paço, chamemlhe deserto: *Qui edificant sibi solitudines*. Lá
Socras. disse Socrates do Emperador Theodosio segundo, que fo-
ra tão religioso Principe, & tão reformador da Casa Real,
que conuertera o Paço em Mosteiro. *Palatium sic disposuit,
ut haud alienum esset à Monasterio*. Esta conto eu entre as
grandes felicidades do nosso Principe, que Deos guarde,
& a tenho ainda por maior, que a do outro Theodosio. O

outro

outro Theodosio fella, o nosso achoua: o outro criou esta reformação, o nosso criase nella. O que grandes fundamentos para tão grandes esperanças! E como no Paço de Portugal tem o Ceo tantas prerogativas de deserto, que muito, q' Deos cestumado a se desposar nos desertos ovejamos hoje desposado no Paço? Cessem pois as admirações com as dos Montanheses, rompase o silencio com o de Zacharias, & comecemos a fallar nesta acção pois nos dá licença o pafmo: *Et appertum est illic os eius.*

Verdadeiramente que me vi embaraçado no concurso das obrigações de hoje, porque são todas tão grandes, que cada hũa pedia o Sermam todo. Para nam errar aconselheime com o mesmo S. Ioaõ Baptista, & seguirei sua doutrina. *Quid habet sponsam sponsus est, amicus autem sponsi gaudio gaudet.* Eu sou amigo de Christo (Diz S. Ioaõ) a esposa he do espolo, a festa he do amigo. Assi seja. A festa será de S. Ioaõ, o dia será da Esposa, & o Euangelho se accommodará tanto a hum, & a outro, que pareça que he de ambos. Vamos com elle, sem nos apartar hum ponto.

Ican 13.

Elisabeth impletum est tempus pariendi; & peperit filium. Isabel depois de cõprido o tempo dos nove mezes foi mãy de hũfilho. A quella palaura *impletũ est tempus*, depois de cõprido o tempo, pareceo superflua a alguns Doutores antigos. Não estaua claro que S. Ioaõ auia de nacer como os outros hotmês. passado o tempo que a natureza limitou para o nascimento? Pois Porque diz hũa cousa superfluo o Euangelista, q' naceo S. Ioaõ depois de cõprido o tempo:

Elisabeth impletum est tempus? O Cardeal Toledo, & todos os Literaes dizem, que não foy superflua esta aduertência sem muita necessãria; suposto que em S. Ioaõ se anteciparam tanto as leys da natureza, que aos seis mezes de cõcebido já tinha vzo de razão. E quem anticipou o vzo de razão tantos annos, podia se cuidar que tambem anticiparia o nascimento algũs mezes. Pois para q' se soubesse q' não foy assi, diga o Euangelista, que naceo S. Ioaõ depois de cõcebido, & cõprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

Toled.

Esta he a verdadeira intelligencia deste texto; mas quãto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duuida. Que se diga que S. Ioaõ naceo comprido o tempo, porque naõ antecipou o nascimento; bem dito está: mas porque o naõ antecipou? Porque naõ antecipou o tempo do nascimento, assi como antecipou o tempo do vzo da razão? O vzo de razão, segundo as leys da natureza, a uia de ser aos sete annos do nascimento, o nascimento aos noue mezes da conceiçaõ. Pois se antecipou o vzo da razão tantos annos, porq̃ nam antecipou o nascimento algũs mezes? Porque o nascimento pertencia á vida da natureza, o vzo da razão pertẽcia á vida da graça; & nas materias temporaes o que costuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: nas materias espirituales o que costuma fazer o tempo, melhor he que o faça a razão. Para nacer ao mundo, faça o tempo o que hade fazer o tempo, para nacer a Deos, o que hade fazer o tempo, façao a razão. Caminhaua Christo de Bethania para Hierusalem, vio no campo hũa figueira muito copada, che gou, & como nam achasse mais que folhas, amaldiçoou a. E nota o Euangelista S. Marcos (cousa muito digna de se notar) que naõ era tempo daquella aruore ter fruto: *Non erat tempus ficorum*. Pois valhame Deos: pasmão aqui todos os Doutores. Senam era tẽpo de fruto, para q̃ o foi Christo bulcar? E se o nam achou, quando o naõ auia, porque castigou a aruore? Se a castigou tinha ella obrigaçam de ter fruto. E se naõ era tempo, como tinha esta obrigação? Tinha esta obrigação (diz S. Chrysofomo) porque ainda que por ser Primauera naõ deuia fructos ao tempo, por Deos se querer seruir della deuiaos á razão. E as diuidas da razão nam ham de esperar pelos vagares do tempo. Para dar fructos ao mundo faça o tempo o que hade fazer o tempo: *Elisabeth impletum est tempus*; mas para dar fructos a Deos, o que hade fazer o tempo, façao a razam: *Exultauit infans in utero*. Esta he hũa das excellencias, que eu venero muito entre as grandes do Baptista: ser hum homem em que fez a razão, o que faz nos outros o tempo. Esperarem os annos pela

Mat. 23.

Chrysof.

pela razão isto acontece a todos, mas adiantarse a razam aos annos, fazer a razam o que auia de fazer o tempo; isto sò se acha no Baptista: se bem gloriosamente imitado hoje.

O que gloriosamente equiuocado temos hoje o annos o Abril mudado em Setembro, & os fruos que auia de amadurecer o tempo, sozonados na razam! Quem podia fazer outono dos fruos, a primavera das flores, senam a esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis aduenit?* Affi obedecem os tempos, onde affi do mina a razão. Que já o mundo, & a vida não saibam enganar? Que vejamos tantos desenganos da vida em tam poucos annos de vida? Que he isto? He que fez a razam o que auia de fazer o tempo. Seguiremse aos annos os desenganos he fazer o tempo o que faz o tempo: mas anticiparemse os desenganos aos annos, he fazer a razão o que o tempo auia de fazer. Queixauase Marco Tulio, que sendo os homês racionaes, pudeffe mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da razam. Mas hoje vemos o discurso da razam mais poderoso que o discurso do tempo. Que não bastassem nouenta annos para dar fizo a He- lí, & que bastem dezoito annos para fazer sezudo a Samuel? O que grande victoria da razão, contra a sem razam do tempo! Hũa velhice enganada, he a mayor sem razam do tempo: Hũa mocidade desenganada he a mayor victoria da razam. Que nam corte os cabellos Sara depois de pentear desenganos; & que os cabellos de Absalaõ na idade de ouro sintão os rigores do ferro! Que enxugue a Magdalena as lagrimas dos pès de Christo com os cabellos, mas que os não corte; & que haja outra Maria que ponha aos pès de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos? Que Iacob na primavera dos annos enterre a sua Rachel; he inconstancia da vida: mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma! Grande valor da razam. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia, entregarlha quan-

Caos. 2

Cicero

1. Reg. 3.

2. Reg. 14.

Luc. 7.

Gen 48.

do elle a dâ, he sacrificar a vontade. Quem dedica a Deos os vltimos annos, faz Christão o temor da morte: quem lhe confagra os primeiros, faz Religioso o amor da vida.

As batalhas da razam com os annos he hũa guerra em q̄ resistem mais os poucos que os muitos. Deixarem se vencer da razão os muitos annos, não he muito: mas deixarê se vencer, & conuencer os poucos, grande poder da razam! E mais se considerarmos a resistencia fauorecida do sitio. Poucos annos, & nas montanhas (como eram os do Baptista) não he tanto, q̄ se não defendão á força da razão: mas poucos annos, & em palacio, conuencidos, & defengados! Graõ victoria. Offerece el Rey Dauid a Bercellai hũ grande lugar no Paço, & elle que era ja de oitenta annos, que responderia? *Octo genarius sum hodie non indigeo hac vicissitudine.* Respondeo que affaz tinha aprêdido em tantos annos a defenganar se das Cortes, q̄ o deixasse o Rey viuer retirado consigo, & tratar da sepultura; porê que accitana o lugar para hum seu filho q̄ tinha de pouca idade: *Ez seruis tuus Chamaam, ipse vadat tecum.* Parece que se implica nesta aççam o amor de Pay, mas explica se bem o engano do mûdo. Defengarãõ a Bercellai os muitos annos proprios para não querer o Paço para si, & enganarãõ os poucos annos alheos para querer o Paço para o filho. Não sey q̄ tẽ o Paço, & os poucos annos, que ainda quando o conhecem os muitos, não se atreuem ao deixar os poucos. Teue conhecimêto para o deixar hum velho, não tene animo para o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o conselho, que o exemplo, deu o exemplo Bercellai, mas não se atreueo a dar o conselho. Antes parece que se sustituiu o pay nos annos do filho, para lograr na mocidade alhea, o que na propria velhice não podia. E q̄ não auẽ do valor na velhice para deixarem totalmente o mundo, ainda aquelles, a quem o mûdo deixa: que haja resolução na mocidade para meter o mundo debaxo dos pés, quem o mundo trazia na cabeça! O que bê se desafronta hoje a

natu-

natureza humana. Lá dezia S Paulo: *Mibi mundus crucifixus* Ad Gal.

est & ego mundo. O mundo está crucificado em mi, & eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estava crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo; se Paulo estava crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas para o mundo. E que de eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas; não he muito. Mas quando o mundo me mostra bom rosto, de eu de rosto ao mundo; esta he a valentia maior. Que quando o mundo se ri de vós, vós choreis por elle! ò fraqueza! Mas que quando o mundo se ri para vós, vós vos riáis delle; ó valentia!

He tão grãde valentia esta, que sendo propria das forças da razão não fiou S. Paulo o credito della, senam dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moyfes, & diz assi: *Moyfes grandis factus negavit se esse filium filiae Pharaonis magis eligens affligi cum populo Dei, &c.* Ad Heb. xi Moyfes depois que foi de maior idade, deixou o Paço del Rey Farão, deixou a Princesa, deixou quanto alli possuia, & esperava; escolhendo viver pobre, & sem liberdade, com o povo de Deos no captiueiro do Egypto. O em que reparo aqui he, no *grandis factus*: que fez isto Moyfes depois de ser de maior idade. E a que vem agora aqui a idade? S. Paulo trataua da resolução & não dos annos de Moyfes. Pois se a resolução estava no animo, & não nos annos, porque diz que era de maior idade Moyfes, quando peixou o Paço, & se catiou por Deos? Direi. Moyfes criara-se no Paço del Rey Farão desde menino, era todo o mimo, & fauor da Princesa do Egypto, que o adoptara por filho, & como tal era servido, & venerado com a authoridade, & magnificencia real. E deixar Moyfes a grandeza, & regalo do Paço, deixar o amor de hũa Princesa, deixar a cercania de hũa coroa, pareceolhe a S. Paulo que não era façanha creiuel e poucos años; por isso ajuntou a resolução com a idade, para que a idade desse credito á resolução. *Moyfes grandis factus.* Como se differa. Ninguem duide esta galharda acção de Moyfes, porque quando a fez era ja de mayor idade, bem cabia nos seus annos. Ora

seja embora a resolução de Moyses victoria do tempo, q̄ a grande acção q̄ nõs celebramos hoje, cõ ser taõ parecida em tudo o mais, nõ se pode gloriar della o tempo, senam a razão. Obrou aqui a força da razam, o que là fez o poder do tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

Et audierant vicini, & cognati eius quia magnificauit Deus misericordiam suam cum illa. Tanto que naceo S. Ioão (diz o Euangelista) soou se logo pelo lugar, q̄ engrandecera Deos sua misericordia com Santa Izabel: *Quia magnificauit Deus misericordiam suam.* Notauel dizer! Parece que nõ está boa a consequencia do texto. O que soou pelo lugar, auia de ser o q̄ succedeo em casa de Zacharias. Succeder hũa cousa, & soar outra, isso acontece nas Cortes lisongeiras, & maliciosas & nõ nas môtanhas simples. O nõsso Euangelho o diz: *Diuulgabantur omnia uerba hæc:* q̄ o q̄ se diuulgaua era o mesmo q̄ succedia. Pois se o q̄ succedeo foi nacer o Baptista: *Elisabeth peperit filiũ;* como diz o Euãgelista, q̄ o q̄ soou foy q̄ engrãdecera Deos sua misericordia: *Et audierũt, quia magnificauit Deus misericordiã suã.* Grande louuor do Baptista! Quando as vozes diziaõ em casa de Zacharias, que nacera Ioão, repetião os eccos nas môtanhas, q̄ Deos engãdecera sua misericordia; porque quando Ioão fae ao mundo, augmentaõ se os attributos a Deos: quando Ioão nace, Deos crece. Nõ he arrojamẽto, senão verdade muito chãa. Disse o mesmo S. Ioão, & mais fallaua em seus lououres cõ grãde modestia. *Illũ oportet crescere me autẽ minui:* Importa q̄ elle creça, & q̄ eu diminua. Aquelle (elle) nõ se refere me nos, q̄ ao verbo humanado. Pois como assi? Deos ainda em quãto humanado nõ pode crescer. Como logo diz S. Ioão *Illum oportet crescere:* importa q̄ elle creça? E dado q̄ podeffe crescer, q̄ depẽdẽcia tinhaõ os crecimẽtos de Deos, das diminuições do Baptista? Deos he grande sem depender de ninguẽ. Como diz logo: *Illum oportet crescere, me autẽ minui:* Importa crescer elle, & diminuir eu? He possiuel crescer Deos? E he possiuel q̄ o seu crescer depẽda do Baptista? Si. Porq̄ ainda q̄ Deos por ser infinito nõ pode crescer em si mesmo, por ser limitado o conbecimẽto humano, pode cre

cer

cer na nossa estimação. E na estimação dos homês, nê Deos podia crescer sem diminuir o Baptista, nê o Baptista podia diminuir sem Deos crescer. Ora vede como. O conceito q os homês fazião de Deos antiguamête, era tal, q quando o Baptista appareceo no mûdo, alsêtarão q elle era Deos. Cõforme esta resolução lhe forão offerecer adorações ao deserto, onde o mesmô S. Ioão os desfegou. E como o Baptista, & Deos, na opinião dos homês, erão iguais; tâto q por seu testemunho se desfez esta opinião: necessariamête creceo Deos, & o Baptista diminuiu. Diminuiu o Baptista, por q ficou menor q Deos: creceo Deos, por q ficou mayor q o Baptista. Desorte, q depois q o Baptista veyo ao mûdo, ficou Deos, para cõ os homês, maior do q d'ãtes era: por q d'ãtes era como o Baptista, depois começou a ser maior q elle. Dõ dese infere, ê grãde louuor deste grãde São, q a medida do Baptista he ser menor q Deos, & a medida de Deos he ser maior q o Baptista. Não tenho menos abonado fiador, q S. Agostinho: *Quisquis Ioanne plus est nõ tãtum homo sed Deus est.* Sabeis quem he Ioão? He menor que Deos. Sabeis quẽ he Deos? he maior que Ioão. Com esta differença poreu; que em quanto S. Ioão o não disse, eraõ iguais; depois que o testemunhou começou Deos a ser maior. Que muito logo, que creça Deos nos seus attributos, quando São Ioão nace no mundo? *Et audierunt quia magnificauit Deus misericordia suam.*

Matth. xi.

S. Agust.

Desta maneira creceo Deos na q̃lle tẽpo, & tãbẽ eu hoje se a cõsideração me não engana, o vejo muito crecido. Entã creceo nas minguãtes de Ioão, hoje crece nas minguãtes do mûdo. Appareceolhe a Nabucodonosor aq̃lla tão reperida, & tão prodigiosa estatua; E vio o Rey, que tocandolhe hũa pedra nos pês de barro, a estatua se diminuiu a poucas cinzas, & a pedra creceo a grandeza de hũ monte: *Factus est mons magnus, & repleuit terrã.* Para entẽder esta figura, q he enigmatica saibamos quẽ era a pedra, & quẽ a estatua. Em sêtido de S. Ambrosio, & S. Agostinho, a estatua era o mûdo, a pedra era Deos. Pois se a pedrabe Deos, como crece a pedra? Deos pode crescer? E se a estatua he o mûdo como diminue a estatua? O mundo diminuese? Tudo sam

Dan. 2.

Ambros.

Agust.

efeitos da estimação dos homẽs. Segundo a estimação q̃ fazemos de Deos, & do mundo, ou crece a estatua, & diminue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a estatua. Se pomos a Deos aos pẽs do mundo, crece o mundo, & diminue Deos, se pomos o mũdo aos pẽs de Deos, crece Deos & diminue o mundo. Deixar a Deos por amor dos nada do mundo, he fazer a Deos menor que nada: mas deixar o tudo do mundo por amor de Deos, he fazer a Deos maior que tudo. *Psalm. 66.* *Accedet homo ad cor altum, & exaltabitur Deus.* Bem dito seja elle, que de quantas vezer vemos a Deos tão pequeno, & tão apoucado nas Cortes dos Reys, o vemos hoje tão grande, & tão crecido! Tã crecido, & tã acrecentado estã hoje Deos em sua grãdeza, quãtas sã as grãdezas do mundo que vemos a seus pẽs arrojadas. A estatua de Nabuco, na estatura representaua grandezas, na materia riquezas, na significação estados, & tudo isto abraçado em fogo do coração se rende hoje em cinzas aos pẽs de Christo. Ninguem melhor sacrifica a Deos o mundo, que quẽ

1. Reg. 17. lho offerece em estatua. Porque o mundo em estatua he muito maior que si mesmo. Para derrubar cõ hũa pedra ao

Das. 3. Golias bastou a funda de Dauid, para derrubar com outra pedra a estatua de Nabuco forã necessarios impulsos (posto que inuisiveis) do braço de Deos. O Golias tinha de altura seis couados, a estatua tinha sessenta; que nas grandezas mais pomposas do mundo sempre sã menores os Gigantes que as estatuas. Nũca as machinãs viuas igualam á medida das sonhadas. Sonha a fantezia, promete a esperança, profetiza o desejo, representa a imaginação: & ainda q̃ a soltura destes sonhos, o comprimento destas promessas, o prazo destas profecias, a verdade destas representações nũca chegã; mais triumpho o amor diuino, quãdo piza o fantastico, que o verdadeiro: o esperado, que o possuido. Deixar antes de possuir he vsura de merecer; porque quẽ mais dá, mais merece, & quem dá os bens na esperança dà os onde sã maiores. A melhor parte dos bẽs desta vida he o esperar por elles: logo mais faz quẽ se inhabilita para os esperar,

63
esperar, que quem se priva de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Apostolos quando lançauão as redes, & não quando as recolhiaõ: *Mittentes rete in mare.* *Math. 4.* Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lançam leuam em cada malha hũa esperança; os lanços quando se recolhem trazem muita rede vazia.

O quantas, & quam bem fundadas esperanças, ò quãtas, & quam bem entendidas grandezas honram hoje em piedoso sacrificio os altares de Christo! Diziam Sam Paulo aos Romanos, que ninguem pode dar a Deos lenaõ o q̃ Deos lhe der primeiro. Mas eu vejo hoje hum espirito tão engenhosamente liberal, que auendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offerece mais do que Deos lhe deu. Não ha duuida, que dos bens temporaes mais liberal he o mûdo em suas promessas, que Deos em suas liberalidades. Não costuma Deos dar tanto, quanto o mûdo costuma prometer. Bem se segue logo, que mais dà a Deos quẽ lhe dà as promessas do mundo, que quem lhe torna as dadiuas suas. Se dais a Deos o que Deus vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mûdo vos promete, dais muito mais. O quão liberal está com Deos, quem dândolhe as maiores grãdezas, ainda busca artificios de lhas dar acrecentadas! E que artificio pode auer para acrecentar os bens, & grandezas do mundo? Eu o direi: que nos exemplos desta acção não se pode deixar de aprender muito. Os bẽs, & grãdezas do mundo falsamente se chamãõ bẽs, porq̃ são males, & sem razãõ se chamãõ grãdezas, porque são pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquidades grãdezas, & dos males bẽs? O remedio he deixalos, & deixalos em esperanças; porque esses, que o mundo chama grandes bẽs, só sam bẽs quãdo se deixãõ, só sam grandes quando se esperam. A esperança lhe dà a grandeza, o desprezo lhe dà a bondade: desprezados são bẽs, esperados são grandes. E assi: mais dà quem despreza o que espera, que quem dà o q̃ possue. De hũas, & outras: de possuidas, & de esperadas. grãdezas, sam

saõ despojos as cinzas que hoje se rendem aos soberanos impulsos daquella pedra diuina. O como desaparece a estatua! O como crece o monte! De nossas diminuiçõs augmenta Deos suas grandezas, de nossos despresos sua Magestade.

Apoc. 4.

Lã vio Sam Ioaõ no Apocalipse aquelles vinte & quatro anciãos, que tirãdo as coroas das cabeças, as lançauam aos pés do trono de Deos: *Mittentes coronas suas ante thronum.*

Apoc. 9.

Tornou a olhar o Euangelista, & vio, que Deos tinha muitas coroas na cabeça: *Et in capite eius diademata multa.* Pois se as coroas se lançauão aos pés de Deos, como tinha Deos as coroas sobré a cabeça? Porque tanto crece Deos em sua grandeza, quãto despresaõ os homẽs por seu amor: As coroas na cabeça de Deos eraõ augmentos de sua grandeza; as coroas aos pés de Deos eram despresos do amor dos homẽs; & com as mesmas coroas que arrojaua o despreso humano, se autorisaua a Magestade diuina: porque tanto crece Deos nos augmentos de sua grandeza, quantas saõ as grandezas que poẽ aos pés de Deos nosso amor. Digase logo, que creceo, & se engrandecẽo Deos hoje duplicadamente: hũa vez medido com Sam Ioaõ, outra vez medido com o mundo. Ser anteposto ao mundo, & ser preferido a Ioaõ, he crescer muito Deos em sua estimaçãõ, & engrandecerse muito em seus attributos: *Quia magnificauit Deus misericordiam suam,*

Et uenerunt circumcidere puerum. Vieram circuncidar o minino. Suposto que o minino era S. Ioaõ, parece que o naõ auiaõ de circuncidar. A circuncisaõ naquelle tempo era o remedio do peccado original, como hoje o Baptismo. Pois se S. Ioaõ estaua jã liure do peccado original, se estaua em graça de Deos, & sãtificado nas entranhas de sua mãy porque se fogeita ao rigor da circuncisaõ? Porque ainda que a circuncisaõ naõ lhe tiraua o peccado original, de q̃ estaua liure, acrecentaua lhe a graça da justificaçam com q̃ nacera santificado. E esta he nos seruos de Deos a mayor fineza da virtude, fogeitaremse a tomar para augmento da graça

graça, os rigores que Deos deixou para remedio da culpa. A circuncisão nos outros homẽs era remedio da culpa ; em S. Ioaõ era só augmento da graça; & foyeitar-se S. Ioaõ para maior graça, nas izenções de innocẽte aos remedios de culpado! Grande acção: grande sacrificio. Fulla Zacharias à letra do mayor sacrificio da ley da graça, o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, & diz assi. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius, nisi frumentum electorum, & vinum germinãs Virgines?* Que cousa fez Deos boa, que cousa fez Deos fermosa neste mundo, senam o paõ dos escolhi los, & o vinho dos castos? Que seja bom, & bonissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo Sacramentado, não auerà quem o negue. Mas que diga o Propheta, que não ha outro tam bom como elle: *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius?* Nam fei como o auemos nõs de conceder. E para que não vamos mais longe: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, nam he tam bom como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmente. Pois porque diz Zacharias, que o sacrificio do corpo, & sangue de christo no Sacramento he melhor que todos? A razão da ventagem eu a darei. O sacrificio de corpo, & sangue de christo na cruz foy sacrificio para remedio de peccados: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio para augmento de graça. Ainda que em Christo não auia peccados proprios, nem merecia graça para si; tinha com tudo tomado por sua conta a satisfaçam de nossos peccados, & os meynos de nossa justificaçam. E que sacrifique tanto Christo na eucharistia para augmento da graça, quanto sacrificou na Cruz para remedio da culpa! que empenhe corpo, & sangue para augmentar merecimentos á innocencia, como empenhou corpo, & sangue para alcançar perdam ao peccada the circumstancia de sacrificio taõ releuante esta, q da mesma idẽtidade tira differenças, & da mesma igualdade ventagẽs. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius?* Tal foy o acto

C da

da circuncisaõ do Baptista comparada com a dos outros filhos de Adam. O corpo, & sangue que os outros deram ao golpe da circuncisaõ, para remedio da culpa, deu o Saõ Ioaõ (que a não tinha) só pera augmentos de graça; & que se sacrifique hum innocente, para crescer na graça, ao que està fogcito o peccador para remediar a culpa! Grande accaõ do Baptista. Mas não foi sua sò esta vez, nem sua sòmente.

Duas innocencias temos hoje fogueitas aos remedios da culpa: ambas condenadas ao rigor, & ambas ao habito da penitencia; q̄ taes iniustiças como estas sabe fazer o amor diuino. Cõdena innocencias como culpas, castiga merecimentos como delitos. Que façãõ grande penitencia os grandes peccadores, he muito justo: que a penitencia he remedio do peccado. Mas que o Baptista se desterre ao deserto se condene ao cilicio, se castigue com o jejum; minino, em que peccou vossa innocencia? Hum corpo delicado condenado a tanta aspereza! Hũa alma innocente castigada cõ tanto rigor! Se o Baptista fora o mayor peccador, que auia de fazer senaõ isto? Mas isto fez, porque auia de ser o mayor Santo. Não pode chegar a mais o mais feruoroso desejo da santidade, que fogueitar se aos remedios do peccado quem goza os priuilegios da innocencia. Encarece S. Paulo o amor de Christo para com os homẽs, & diz desta maneira aos Corinthios. *Qui peccatum non nouerat pro nobis peccatum fecit*: Amou o filho de Deos tanto aos homens, q̄ não tendo conhecimẽto de peccado, se fez peccador por amor delles. Estranha sentença! Christo não era innocentiſſimo, antes a mesma innocencia? Por razão da vniãõ ao verbo sua alma não era impeccauel? As mesmas palauras o dizẽ, *Qui peccatum non nouerat*. Pois como pode caber delito na innocencia: como pode ser, que o impeccauel se fizesse peccador: *Pro nobis peccatum fecit*? Respõdo. O impeccauel não se pode fazer peccador de culpas, mas pode se fazer peccador de penas. Não pode cometer peccado quanto à culpa, mas pode se fogueitar á pena do peccado como se o comete-

ra. Isto he o que fez Christo por amor de nós. & isto he o q
 muito encarece S. Paulo em seu amor. *Qui peccatum non no-*
uerat pro nobis peccatum fecit. Não pode o amor chegar a ma-
 yor extremo, não se pode adelgaçar a mayor fineza, que a
 fazerse peccador nas penas quem he innocête nas culpas.
 Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, bus-
 ca na penitencia o remedio de seu peccado: mas fazerse
 peccador de penas o innocente de culpas, he buscar na pe-
 nitencia o desfogo de seu amor. A penitencia no pecca-
 dor paga, no innocente obriga: naquelle pelo que ofendeo,
 neste pelo que ama: vede quaes agradação mais a Deos, se
 as satisfações de offendido, se as obrigações de amado?

O igualmente amado, que amante Senhor ! consenti os
 termos da igualdade quanto entre o diuino, & humano se
 permite, pois vemos hoje as finezas de vosso amor compe-
 tidas, como as diuidas de nossa obrigaçam desempenha-
 das. Hũa alma innocente de culpas, mas peccadora de pe-
 nas, hũa innocencia em habito penitente vos offerece ho-
 je a tetra esposa do Ceo; que estas são as cores de vosso D. Berno.
 pensamento, estas as galas de vosso amor, estas as purpuras
 do vosso Reyno. *Filia Babilonis induuntur purpura, & bisso.*
 (dizia S. Bernardo em semelhaente accão à Virgẽ Sophia)
& subinde conscientia pannosa iacet: fulgent monilibus moribus
sordent. E contra tu foris pannosa, intus speciosa respandes, sed di-
uinis aspectibus non humanis: intus est quod delectat, quia intus est
 quem delectat. Nem a romancear me atreuo estas palauras,
 porque em tanta differença de eleiçoes, ou se hade topar
 com o aggrauo, ou com a lijonja. *E contra tu* (isto quero
 repetir) *foris pannosa intus speciosa respandes:* Pelo contrario
 vós, ò esposa de Christo (luz S Bernardo) como dentro tẽ-
 des a quem quereis aggradar, por dentro trazeis as galas:
 por fõra vestida de sayal, por dentro de resplandores. *Foris*
pannosa, intus speciosa respandes. Verdadeiramente que quãdo
 reparo nestas palauras me parece que vejo já finaes do dia
 do Juizo Hum dos finaes do dia do juizo serà (como diz Apoca. 6.
 S. Ioaõ no Apocalipse) vestirse o sol de cilicio: *Solfartus est*
niger tanquam saccus cilicinus. E se já vemos vestido de cili-

cio o Sol, se mortificadas suas luzes, se penitentes seus reflandores, debaixo da aspersa de tam grosseiros ecclypsés, que auemos de dizer? Que se acaba o mûdo? Que he chegado o dia do Iuizo? Com muita propriedade se pode dizer assi; porque melhor merece o nome de dia do Iuizo aquelle em que o mundo se deixa, que aquelle em que o muudo ie acaba. Quanto mais que tambem se acaba o mûdo para quem acaba com elle. Como cada hum de nòs tem o seu mundo, o vniuersal acaba com todos, o particular acaba com cada hum. E que muito que se vejaõ sinaes do dia do Iuizo em hũa alma para quem hoje se acaba o mundo? Mas perguntara eu ao Sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Não; que o fez innocente a natureza. Pois porque? Para os olhos do mundo pôr luto, para os olhos de Deos pôr gala. Vestese de penitencia o Sol sendo innocête, porq̃ não ha sacrificio mais fermoso aos olhos de Deos, q̃ hũa innocencia illustre em habito de penitencia.

Genes. 3 Aquellas pèlles de que Deos vestio aos primeiros senhores do mundo, estauaõlhe muito mal a Adão, mas estauaõlhe muito bẽ a Abel. A Adam estauaõlhe muito mal, porque erãõ habito de peccado; com penitencia, a Abel estauaõlhe muito bem, porque erãõ habito de penitencia sem peccado: em Adão erãõ habito de penitenciado, em Abel erãõ habito de penitête. Esta grãde differença ha entre a penitência dos peccadores, & a penitencia dos innocêtes; q̃ a penitência dos peccadores he remedio, a penitencia dos innocentes he virtude. Não quero dizer q̃ os actos de penitência no peccador, & no innocente naõ sejãõ virtuosos sêpre. Só digo q̃ os peccadores tomãõ a virtude da penitência pelo q̃ tẽ de remedio, os innocêtes tomãõ o remedio da penitencia pelo q̃ tẽ de virtude. Dõde se segue: q̃ a penitência hõra os peccadores, os innocentes hõrãõ a penitencia. A penitência hõra os peccadores, porq̃ lhe tira a afronta do peccado, os innocentes hõrãõ a penitencia porq̃ lhe tiram a mistura de remedio. O ditoso Baptista, ò ditosa alma imitadora vossa: ambos em habito de penitentes; & ambos hõradores da penitência. Ditosos vòs q̃ fazeis trofeos de victoria os instrumentos do desagrauo, & gozais a prerrogatiua

de penitentes, sê o desar de arrependidos. Em vòs he virtu-
de o q̄ nos outros he remedio, em vòs eleição o q̄ nos ou-
tros necessidade. Sò em vòs não ha remedio do peccado a
penitência, sendo q̄ sò a vossa penitencia poderá ser reme-
dio do peccado. Porq̄ offensas não merecidas, quaes são as
de Deos, sò se pagaõ cõ castigos não merecidos, quaes sam
os dos innocentes. O merecimento offendido só o pode sa-
tisfazer a innocencia castigada. O q̄ grande sacrificio para
Deos! O q̄ grãde lisonja para o Ceo! Là disse Christo, q̄ faz Luc. 15.
maior festa o ceo ao peccador penitête, q̄ ao justo sê peni-
tencia. Pois se a innocência do justo agrada muito, & a peni-
tência do peccador agrada mais; quãto agradará aquelle ex-
cellente estado, q̄ abraça a perfeição de ambos, & a junta a
penitência de peccador cõ a innocência de justo? Isto he o q̄
fez o Baptista hoje na circuncisaõ, sojeitãdo izençoens de
innocência a remedios de peccado: *Et venerūt circūcidere puerū.*

Et vocabāt eū nomine patris sui Zachariam. Feito o acto da
circuncisaõ tratouse de dar nome ao minino, & queriam
os circūstantes q̄ se lhe puzesse o nome de seu pay, & q̄ se
chamasse Zacharias. Ouio isto S. Izabel, & disse: *Nequaquã*
por nenhũ caso: não se hade chamar assi. E porq̄ razão? Por
q̄ não se hade chamar Zacharias o filho de Zacharias? Não
era nome sãto? Não era nome illustre? Não era nome autho-
rizado? Não era nome glorioso? Sy era, mas era nome de
pay: *Vocabant eū nomine patris sui.* E o nome dos pays quanto
mais illustre, quãto mais glorioso, tãto menos o hade tomar
quẽ professa servir a Deos, como professãua o Baptista. No
nome perpetuase a memoria dos pays: na Religião profes- Ps. 44.]
sãse o esquecimẽto delles: *Obliviscere populū tuū, & domū patris*
tui. E como o Baptista auia de ser (como foi) primeiro fũda-
dor, & exẽplar de Religioso; não quiz prudête S. Izabel, q̄
tomasse o nome de Zacharias; porq̄ não era justo q̄ confer-
uasse a memoria dos pays no nome, quẽ professãua o esque-
cimẽto dos pais na vida. Quereis q̄ se chame Zacharias, por
q̄ he nome de seu pay? Alegais cõtra vòs. Antes porq̄ he no-
me de seu pay, senão hade chamar assi: *Vocabāt eū nomine pa-*
tris sui Zachariã, & ait mater eius nequaquam. Que grandemẽ-
te imitado, se bem em parte excedido vemos hoje este

exemplo do grande Baptista. S. Lucas, porque escreuia para a memoria dos futuros, deteu-se neste lugar em contar a genealogia dos pays de S. Ioão; eu que fallo aos olhos dos presentes, não me he necessario deter-me em tão sabido, como tambem me não fora possiuel em tão grandioso assumpto. Muito fez quem deixou o nome de Zacharias, authorizado assim com hũa teara; mas muito mais faz quem deixa o gloriosissimo nome de Gusmão (glorioso no ceo, & na terra) cujo real, & esclarecido sangue se teceo sempre nas purpuras de toda Europa; & hoje com mais gloria que em nenhum outro Reyno (posto que com igual magestade em tantos) o vemos felizmente coroadado, & veremos em immortal descendencia, no nosso de Portugal. Este he o famosissimo em todas as idades: o eminētissimo em todas as pessoas: o affinaladissimo em todas as empresas: o celebradissimo em todas as historias, nome de Gusmão; & este he o que hoje vemos deixado pelo humilde da Cruz. Não sei se admire nesta eleição o virtuoso, se o discreto? Em fim a virtude, & o entendimento tudo me parece Angelico.

Quando os Anjos no sepulchro de Christo, perguntarão as Marias o que buscavão; vzarão de diferentes termos (segundo diuersos Euangelistas.) O Anjo de S. Matheus perguntou se buscavão a Iesu crucificado: *Iesū qui crucifixus est quæritis.* O Anjo de S. Marcos perguntou se buscavam a Iesu Nazareno crucificado: *Iesum quæritis Nazarenum crucifixum.* Pois se o Anjo de S. Marcos chamou a Christo Iezu Nazareno crucificado; porque razão o Anjo de S. Matheus lhe chamou Iesu crucificado; porque razão o Anjo de S. Matheus lhe chamou Iesu crucificado somente, & não fallou no Nazareno? O melhor comentador dos Euangelistas, o doutissimo Maldonado, notou aduertidamente, que o Anjo de S. Matheus appareceu como Anjo, & o Anjo de S. Marcos appareceu como homem: *Matheus Angelū, Marcus hominem appellat.* He do texto. Porque S. Matheus diz *affi Angelus Domini descendit de cælo qui dixit mulieribus:* Hũ Anjo do Senhor desceu do Ceo, que fallou ás molheres. E S. Marcos diz *affi. Intrans monumentum viderunt iuuenem sedentem.*

62
sedentem: entrando no sepulchro viram hum mancebo af-
sentado. e como o que fallou às Marias em S. Marcos, era
homem, & em S. Mattheus era Anjo; por isso o de S. Marcos
chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado, & o de S.
Mattheus chamoulhe Iesu crucificado sòmente, & nam
fallou no Nazareno. Ora notai. Entre o Nazareno, & o cru-
cificado auia esta differença em Christo; que o Nazareno
era nome dos pays, o crucificado era nome da Cruz: & an-
tepor o nome de Nazareno ao de crucificado, antepor o
nome dos pays ao nome da Cruz, isso fazē os Anjos q̄ são co-
mo homēs; mas tomar o nome de crucificado, & callar o de
Nazareno, tomar o nome da Cruz, & deixar o nome dos pay-
s, isso fazē os Anjos q̄ são como Anjos. O Anjo de S. Marcos,
q̄ fallou como homē da terra: *Viderūt iuuenē sedentē*: antepoz
o nome dos pays ao nome da Cruz: *Iesū queritis Nazarenū
crucifixū*. O Anjo de S. Mattheus, q̄ fallou como Anjo do
Ceo: *Angelus Domini descēdit de Cælo*: tomou o nome da
Cruz, & deixou o nome dos pays: *Iesum qui crucifixus est
queritis*: O discriçam mais q̄ humana! O eleiçãõ verdadeira
mēte Angelica! Sei eu q̄ as Marias ouviram os Anjos, mas
nenhũa dellas aprēdeo a mudar o nome Maria Magdalena
nam se chamou da Cruz, senam Magdalena: Maria Cleofé
nam se chamon da Cruz, senam Cleofé. Nam fouberram
deixar o nome dos pays, & tomar o da Cruz aquellas Ma-
rias, porque estaua este religioso primor guardado para ou-
tra que na deuaçãõ auia de vencer as Marias, & na discri-
çam igualar os Anjos.

Mas assi como em casa de Zacharias se levantou ques-
tãõ sobre o nome do Baptista; assi he bem que a tenhamos
hoje aqui sobre este nome da Cruz. Quem la contradisse o
nome de Ião foraõ as pessoas mais authorizadas, que assi *Tolet.*
stiaõ à celebridade da festa. *Qui venerant celebritatis gratia*:
comenta o Cardeal Toledo. Quem aqui impugnarã o no-
me da Cruz, serã tambem a pessoa mais authorizada que
assiste á celebridade da festa, q̄ he quẽs Christo Sacramenta-
do. E assi como lá diziaõ que não se auia de chamar Ioam
senam

senão Zacharias:affi cã diz christo que não se auia de chamar da Cruz, senão do Sacramento. Não he imaginação sem fundamento minha, he accommodação verdadeira tirada com toda a propriedade, do texto. O nome que lá queriaõ dar ao Baptista era Zacharias. E Zacharias que quer dizer? Quer dizer: *Memoria Domini*: A memoria do Senhor. Isso mesmo he o Santissimo Sacramento da Eucharistia. He a memoria do Senhor, q̄ elle nos deixou por prendas em sua ausencia. *Hac quotiescunq; feceritis in mei memoriam facietis.* Está fundado. Agora pergunto eu. E que razão tem christo Sacramentado para dizer, que não quer que o nome seja da Cruz, senão do Sacramento? A razão he muito forçosa. Porque professar Religião mais he Sacramentarse, que crucificar-se. Todos os sanctos commumente chamaõ cruz ao estado Religioso; mas com licença sua eu digo, que o estado Religioso tem mais do Sacramento, q̄ da Cruz. A razão em que me fundo he esta. Porque na Cruz morreo Christo hũa só vez; no Sacramento morre todos os dias. O sacrificio da Cruz foi cruento, mas foi vnico; o sacrificio do altar he incruento, mas he quotidiano.

Ioan. 15.

A maior fineza do amor he morrer: *Maiorem charitatem nemo habet*; mas tam hum grande defar esta fineza, que quẽ a faz não pode fazer outra. He a maior fineza, mas he a vltima. E como Christo amaua tem extremamente aos homẽs, & via que morrendo na Cruz se acabaua a materia a suas finezas; que fez? Inuentou milagrosamente no Sacramẽto hum modo de morrer sem acabar, para morrendo poder dar a vida, & não acabando poder repetir a morte. Esta he a ventagem que leua em Christo o amor que nos mostrou no Sacramẽto, ao amor que nos mostrou na Cruz. Na Cruz morreo hũa vez; no Sacramento morre cada dia: na Cruz deu a vida; no Sacramento perpetuou a morte. A Esposa, como quem melhor as sabe aualiar, nos dirá a verdade desta fineza. *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus emulatio.* O amor se he grande (que isso quer dizer *dilectio*) he como a morte; & se he mayor (que isso quer dizer *emulatio*) he

Car. 8.

he

58
he como o inferno. Notauel dizer! Porque razãõ compa-
ra Salamaõ o amor grande á morte, & o amor maior ao in-
ferno? Eu o direi. Entre a morte, & o inferno ha esta dif-
ferença, que a morte tira a vida, o inferno perpetua a mor-
te. Por isso o amor grande se compara à morte, & o ma-
yor ao inferno; porque mais he perpetuar a morte, que ti-
rar a vida: tirar a vida he morrer hũa vez; perpetuar a mor-
te he estar morrendo sempre. Eeis aqui a desigualdade do
amor de Christo na Cruz, & no Sacramento. competio o
amor de Christo no Sacramento, & amor de Christo na
Cruz; da Cruz foi como a morte, porque chegou a tirar
a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o do Sacramento foy como
o inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut in-
fernis amulatio*. E muito mais foi perpetuar a morte, que
tirar a vida; porque tirar a vida he morrer num instante,
perpetuar a morte he morrer toda a vida.

Eis aqui a razão porque o estado Religioso se parece
mais com o Sacramento, que com a Cruz. Na Cruz mor-
rese hũa só vez no Sacramento morrese cada dia. Sei que
disse S. Agostinho que sò os Martyres pagão a Christo a fi-
neza que fez em se deixar no Sacramento, porque morrẽ
por quem morre por elles. *Qui accedis ad Mēsã Principis debes
similia preparare, hoc beati Martires fecerunt*. Mas esta razam de
S. Agost. (dênos licêça o lume da Igreja) impugnase facilme-
te. Porq̃ muitas mortes não se pagão cõ hũa sò morte: Chris-
to no Sacramẽto morre todos os dias, os Martyres morrem
hũa sò vez: logo não pagão os Martyres a Christo no Sacra-
mento. Pois que diremos a isto? Digo que os Martyres pa-
gam a Christo na cruz, os Religiosos pagam a Christo no
Sacramento. Os Martyres pagam a Christo na Cruz, por
que morrem hũa vez, por quẽ hũa vez morreo por elles: os
Religiosos pagam a Christo no Sacramento, porque mor-
rem cada dia por quem morre por elles todos os dias. Ha
quem o diga? Nam he menos Religioso, que o exemplar
de todos, sam Paulo. *Quotidie morior*. cada dia morro. De ma-
neira que assi como Christo no Sacramento inuentou hum
modo de morrer sem acabar, para morrẽdo poder dar a vi-

da, & nam acabando poder repetir a morte; alli os Patriarchas das Religioes (& melhor q̄ todos o Serafico e seu diuino instituto) parecêdo lhe pouco amor não morrer, & pouca morte morrer, hũa sòvez; acharão este modo milagrosamête natural de viuer morrêdo, para na morte multiplicarê as entregas da vida, e na vida perpetuarê os sacrificios da morte.

Grande lugar do Protopatriarcha das Religioes sam Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das Religioens mais estreitas, & diz, que a cella de hũa alma religiosa he emula; he competidora da sepultura de Christo. *O cella Dominica sepultura amula!* Pois saibamos; que calidades tem hũa cella para tam nobre competencia? Em que presunções se fûda esta emulação? Que se cõpare a cella a qual q̄ sepultura; justa semelhãça: porq̄ onde o habito he hũa mortalha, o leito hũ ataudê, as paredes tão estreitas, & cõ tão pouca luz, como estas q̄ vemos, muito ha de sepultura. Sepultura si: mas sepultura não outra, senão a de christo; porq̄ razão? Porq̄ nas outras sepulturas mora só a morte; na sepultura de christo morou a morte, & mais a vida juntas. Na sepultura de Christo esteue a vida morta, & a morte resuscitada: & taes são as vossas cellas, o religiosos spiritos. *O cella dominica sepultura amula, qua mortuos suscipis, & reuiuiscere facis.* O cella verdadeiramête imitadora da sepultura de christo, pois està e ti a vida morta, & a morte resuscitada: a vida morta, porq̄ não tẽ vîos a vida; a morte resuscitada, porq̄ tẽ alêtos a morte. Es hũa suspensão gloriosa de morte, & vida (se bẽ gloriosa cõ pena) onde posta a alma nas rayas do viuer, & morrer participa indicisamête o mais riguroso de ambas; insensivel, como morta, para o gostoso da vida sensitiua, como viua, para o penoso da morte. Em ti se vè multiplicado o milagre natural da Feniz, sêdo patria, & sepulchro quotidiano, onde se morre a vida, & se nasce a morte, faltãdo cinzas, mas não faltãdo incêdios. Em ti (e cõ maior propriedade hoje) se vè verdadeira a metâfora dos orizôtes, sêdo oriête, & occaso juramente, onde o Sol no mesmo instante morto, & nascido resuscita a hũ emisferio, quãdo se sepulta a outro. Em ti finalmente (cõ sêdes a melhor parte do paraíso) se vè sê fimem-

69
gimento a fabula do inferno, sendo cada Religioso espirito
hũ Ticio em bœauenturãça de penas, q̃ não podêdo morrer
para morrer mais vezes, tẽ morta a vida, & immortal a mor-
te: *Semper q̃ renascens non perit, ut possit saepe perire.* Não he mui-
to q̃ ache eu comparações no inferno ao maior sacrificio,
quãdo no inferno as buscou a alma santa ao maior Sacra-
mêto. De hũ, & outro se pode dizer cõ grãde semelhanças:
Dura sicut infernus emulatio E como o sacrificio da Religiam
por ser morte perpetuada, se parece mais com o Sacramen-
to q̃ cõ a cruz; sendo o officio dos nomes declarar a essen-
cia das cousas; parece q̃ quẽ professa Religião não se deue
chamar da Cruz, senão do Sacramento. *Et vocabant eum no-
mine patris sui Zachariam hoc est memoriam domini.*

Cõ tudo responde S. Izabel: *Nequaquã.* Por nenhũ caso.
E cõ muita razão. Porq̃? Pella mesma, q̃ o persuade. Porq̃ se
o nome do Sacramêto diz tudo o q̃ ha no estado Religioso,
& o nome da Cruz diz menos, pelo mesmo caso se deue to-
mar o nome da Cruz, & não o do Sacramento. Na eleiçam
dos nomes ha hũa grãde differença tomada dos fins porq̃ se
elegẽ: os nomes q̃ se tomão por verdade dizẽ tudo, os q̃ se
tomão por vaidade dizẽ mais, os q̃ se tomão por humildade
dizẽ menos. E como a mesma humildade, quẽ desprezou a
grãdeza dos nomes paternos, foi a q̃ fez a eleiçãõ do nome
Religioso; por isso com discreta impropriedade escolheo o
nome diminutiuo da Cruz, em q̃ he mais o q̃ se calla, q̃ o q̃
se diz. Como respõdo a Christo Sacramêtado, cõ o mesmo
nome do Sacramêto quero cõfirmar a resposta. O Sacramẽ-
to do altar chama se corpo, & sangue de Christo. esse nome
lhe deu o mesmo Senhor. *Hoc est corpus meũ. Hic est Calix san-
guinis mei.* Pergũto: & ha no Sacramento mais algũa cousa?
Ha alma, & ha diuindade. Pois se no Sacramêto não sò está
corpo, & sangue, senão tãbẽ alma, & diuindade, porq̃ senão
chama corpo, & alma, sangue, & diuindade de Christo, senão
corpo, & sangue sòmête? Porq̃ este nome deu o christo ao Sa-
cramêto na hora em q̃ se quiz mostrar mais humilde. A ho-
ra em q̃ christo se mostrou mais humilde foi a mesma em q̃
instituiu o Sacramêto de seu corpo, & sangue, dispondo aos

Apostolos com a pureza do lauatorio: & a si com a humil-
dade de lhe lauar os pés. E como Christo poz o nome a es-
te misterio com aduertencias de humilde, por isso decla-
rou somente o menos que nelle auia; que os nomes que
compoem a humildade sempre callaõ mais do q̄ dizê. O q̄
diz he corpo, & sangue; o q̄ calla he alma, & diuindade. O
mesmo passa no nosso caso: q̄ ainda q̄ se naõ tomou o no-
me ao Sacramento, seguiu o exemplo. Deixase o no-
me do Sacramêto, porq̄ diz mais, tomase o nome da Cruz
porq̄ diz menos; q̄ se preza o verdadeiro amor, do q̄ he; &
naõ do q̄ significa. Bastelhe a Religiaõ ser Cruz *ex vi ver-
borum*, ainda q̄ seja muito mais *per concomitantiam*. Taõ ju-
sto foy logo deixar-se o nome de Zacharias quãto á signifi-
cação, como quãto à realidade: *Et ait mater eius nequaquam.*

Acabou senos o thema; & se me naõ engano tenho pôde-
rado todas as clausulas d'elle, cõ algũa semelhança às obri-
gações deste dia. Mas tâbê vejo q̄ reparariaõ os mais curio-
sos em q̄ passei em silêcio aq̄llas palauras: *Audierunt vicini, &
cognati, & congratulabatur ei.* Cõfesso q̄ naõ fallei nestas pala-
uras; & tâbê cõfesso, q̄ as deixei porq̄ naõ achei nellas seme-
lhãça, senaõ muita differença do nosso intento. *Cognati, & vi-
cini congratulabatur ei.* Lá no nacimêto do Baptista diz o Euã-
gelho, q̄ os parêtes, & os visinhos estauaõ muito e õtêtes, &
agradecidos; porê cá naõ he assi. Taõ fora estaõ de poderem
estar cõtêtes os visinhos, & os parêtes; q̄ antes o parêtesco,
& a visinhança tẽ razãõ de estar queixosos. Tẽ razãõ o pa-
rentesco de estar queixoso, porq̄ se vê a si deixado: tem ra-
zãõ a visinhãça de estar queixosa, porq̄ vê os estranhos pre-
feridos. Quãdo o sãgue se vê deixado, porq̄ naõ ha de estar
queixoso o parentesco? E quando as Estrangeiras se vem
preferidas às naturaes, porque nam ha de estar queixosa a
visinhança? Nam se diga logo aqui: *Cognati, & vicini congra-
tulabantur ei.* Acudo a estas duas queixas, & acabo.

Primeiramente digo, q̄ naõ tẽ razãõ o parentesco d'estar
queixoso; porq̄ quando as obrigações do sangue se deixam
por amor de Deos, naõ he fazer offensa, he fazer lisonja ao
parentesco. Da parte de qué he deixado he sacrificio, mas
da

70
da parte de quem deixa he liçoja . Tudo prouo . Hospedou
Martha a Christo em sua casa, & tinha esta senhora hũa ir-
mãa a quem o texto chama Soror Maria: *Et huic erat soror no-*
mine Maria: A qual se retirou cõ Christo; & assentada humil-
de a seus pès, o estaua ouuindo, & cõtêplado . Chegou Mar-
tha ao Senhor, & disse-lhe: *Dñe nõ est tibi cura quod Soror mea*
reliquit me solã ministrare? E bẽ Senhor tãto vos descudais de
mi, que naõ vedes que minha irmãa me deixou só? Esta foi
a historia; duas sam as minhas ponderaçoes . Digo que
Martha na queixa que fez de Maria offereceo hum gran-
de sacrificio a Christo, & Maria na occasiam que deu a
queixa, deu hũa grande satisfacãm a Martha.

Diffficulto assi. Christo nam foi o q̃ chamou a Maria; Ma-
ria foi a q̃ se assentou a seus pès sagrados . Pois se a occasiam
justa, ou injusta da queixa a deu Maria, & nãõ Christo; porq̃
propõe Martha a sua queixa a Christo, & nam a Maria? Porq̃
Martha nesta aççãm nam pretêdeo tãto dar queixas de Ma-
ria, quanto offerecer sacrificios a Christo . Como se differa
Martha. Nam cudeis Seõnor, q̃ só Maria he a q̃ faz as finezas
q̃ eu tãbẽ vos offereço as minhas. Maria sacrifica sua deua-
çãm, eu sacrificio minha soledade: *Reliquit me solã ministrare;*
Ella offereceuos o estar cõ vosco, eu offereceuos o estar sã
ella. De sorte q̃ e hũa açcãõ auia alli dous sacrificios: hũ de
Maria porq̃ se fora para Christo, outro de Martha porq̃ a deixa-
ra Maria. Mas destes dous sacrificios qual he maior; o de Ma-
ria, ou o de Martha? Eu nam me atreuo a dar sentença nesta
causa: Sõ digo q̃ se neste lugar pregara S. Pedro Chrysologo *Chrysol.*
auia de dizer q̃ o sacrificio de Martha era maior q̃ o de Ma-
ria. Pergũta S. Pedro Chryf. quẽ fez mais, se Abraham e sa-
crificar a Isac; se Isac e se offerecer ao sacrificio. Resolue q̃
Abraham; & verdadeiramẽte tẽ a escriptura por sua parte. Po-
is se Isac era a vixima q̃ auia de ficar morto: se Abraham
era o Sacerdote q̃ auia de ficar vivo; como era, ou como po-
dia ser q̃ o sacrificio fosse maior e Abraham, q̃ e Isac? A razã
he esta. Porq̃ Isac sacrificaua a sua pessoa, Abrahãõ sacrifica-
ua a sua soledade. Isac offerecia-se a ficar sã vida, Abraham
offerecia-se a ficar sã Isac. E segũdo o muito q̃ Abrahãõ ama-
ua a q̃lle filho, maior sacrificio fazia e o dar a elle, q̃ elle em

Luc. 12

Chrysol.

Gen. 32

se dar a si. Bẽ digo eu logo q̄ foi grãde sacrificio, o q̄ Martha offereceo a Christo entre suas queixas, pois lhe sacrificou não menos, q̄ a soledade de Maria. *Reliquit me solã ministrare.*

E q̄ Maria na mesma occasião, q̄ deu à queixa, deu hũa grãde satisfação a Martha, não ha duuida. Porq̄? Porq̄ deixar Maria a Martha não por amor doutrẽ, senão por estar cõ Christo, foi dizerlhe claramẽte: q̄ fazia tão grãde estimaçã de lua companhia, q̄ só por Deos a podera deixar, & sò cõ Deos a podia suprir. Vẽdo os filhos de Israel q̄ auia quarenta dias q̄ faltaua Moyses por estar fechado cõ Deos, determinarão abalar do pè do monte, & irse. Foraõse ter com

Exod.
32.

Arão, & disserão assi, *Fac nobis Deos qui nos praecedant. Moysi enim huic viro nescimus quid acciderit.* Araõ, fazeinos hũ Deos q̄ nos acõpanhe, porq̄ não sabemos q̄ feito he deste homem Moyses. Linda consequencia por certo! Dai cá hum Deos porq̄ falta Moyses. Moyses não era homẽ? Elles mesmos o dizião: *Moysi enim huic viro.* Pois se Moyses era homem porq̄ pediã hũ Deos em falta de Moyses? Porq̄ ha presenças, q̄ sò por Deos se podem deixar; & ha ausencias q̄ sò cõ Deos se podem suprir. Como os Hebreos amauão tanto ao seu Moyses, & se viaõ forçados ao deixar, faziãõ este discurso. Iã que se hade deixar Moyses, sò por hũ Deos se hade deixar; & jã q̄ se hade suprir cõ outrẽ o seu lugar sò com hum Deos se hade suprir. Por isso pediã a Arão hũ Deos, & não outro substituto daquella ausencia: *Fac nobis Deos qui nos praecedat.* Esta satisfação derã os os Israelitas a Moyses quando o querião deixar, & esta foi a satisfação q̄ deu Maria a sua irmãa quando a deixou. Deixou de estar cõ ella, mas por estar cõ Deos; *Quae etiã sedes secus pedes Domini.* Não tẽ logo razão o parãtesco hoje de se mostrar sètido, ou queixoso, se não contente, & agradecido. *Cognati congratulabantur ei.*

Et audierunt vicini. Tãbem se nam deue queixar a visinhãça de ver as Estrangeiras preferidas às naturaes. E Porque? Porq̄ hũa alma q̄ por mais seruir a Deos quiz ajutar a clausura com a perigrinação, necessariamente ouue de deixar os naturaes, & buscar os estrangeiros. Hũa das cousas que muito agradou sempre a Deos em seus seruos foi a peregrin-

gris

grinação. Por isso mādou Abrahão q̄ sabisse peregrino de sua patria: por isso quiz que peregrinasse Iacob em Mosopotamia, Ioseph no egypto: & ao mesmo pouo querido de Israel, por q̄ o escolheo para si, o fez peregrinar inteiro tantas vezes, & por tantos annos. E como Deos se agrada tanto dos peregrinos (q̄ também o quiz ser neste mundo) q̄ faria hũa alma deseiosa de agradar muito a Deos, vendose obrigada à clausura pelo seu estado, & inclinada à perigrinação pelo gosto diuino? Peregrinação, & clausura não podem estar juntas: pois q̄ remedio? O remedio foi entrando em Religião, escolher hũ mosteiro de Estrãgeiras; para q̄ viesse desta maneira a achar jũtas a clausura, e a peregrinação: a clausura no lugar; a peregrinação na companhia. Quem cuidaria, q̄ era possiuel estar jũtamente em Portugal, & peregrinar em Flãdes? Pois isto he o q̄ vemos hoje cõ nossos olhos.

71
Gen. 12
Gen. 29
Gen. 39

Math. 2

Falla Dauid da perigrinação dos filhos de Israel para Palestina; & diz assi. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuit.* Quando o pouo sahio do Egypto ouuio a lingua q̄ nam entendia. Particular modo de reparar! Se Dauid ponderaua a peregrinação dos Israelitas patece q̄ auia de dizer q̄ passaram climas incognitos, q̄ caminharam terras desconhecidas. Pois porq̄ não repara nas terras senam nas linguas? Porq̄ nam diz q̄ andaram por terras estranhas, senam q̄ ouuiram linguas estrangeiras? Porq̄ julgou discretamente o Profeta, q̄ a formalidade da perigrinação nam consistia tanto na mudança dos lugares, quãto na differença das linguas. Nam està o ser peregrino na estranheza das terras q̄ se caminham, senam na estranheza da gente com q̄ se trata. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuit.* Sahir do egypto para onde se ouue outra lingua, isto he peregrinar. E se he verdadeiro peregrinar o uier être gẽte de lingua estranha, bẽ digo eu, q̄ se viraõ aqui juntas milagrosamente a clausura, & a peregrinação; a clausura no lugar, a perigrinação na companhia. Nam deue lo go de estar queixosa a visiohança, posto que a queixa parecia justificada; antes tem obrigaçam as Religiosas Portuguezas de se edificarem, & alegrarem muito de verem (sobre

Psal. 80

bre

bre hum tam grande exemplo) hum tam nouo, & particu-
lar spirito na profissão de seu estado; trocãdo as apparencias do sentimento em motiuos de parabens. *Vicini congratulabantur ei.*

Temos acabado o Sermam, & com elle as Victorias do Impossiuel, que assi se chama. Doulhe este nome naõ sò por ser Sermam do Nascimento do Baptista, com o qual prouou o Anjo que nada era impossiuel a Deos. *Quia non eris impossibile apud Deum omne verbum;* senam por ser Sermam desta profissam solemniissima que celebramos, na qual sem auer reparado, deixo prouados seis impossiuéis. No nascimento do Baptista venceose hum impossiuel, que foi ajuntarse esterilidade com parto: *Elisabeth peperit filiam.* No acto desta profissão venceraõse seis impossiuéis, que foraõ os que ordenadamente vimos em seis discursos. No primeiro ajuntarse a Corte com o deserto. No segundo a mocidade com o defengano. No terceiro a grandeza cõ o desprezo. No quarto a innocencia com o castigo. No quinto a vida com a morte. No sexto a clausura com a peregrinaçam. E seis impossiuéis vencidos na terra, que deuem esperar tenam seis coroas ganhadas no Ceo? Daruos ha no ceo, esposa serenissima de Christo, a Corte com o deserto hũa coroa da solitaria entre o coro dos Eremitas. A mocidade com o defengano hũa coroa de prudente entre o coro dos Doutores. A grandeza com o desprezo hũa coroa de humilde entre o coro dos Apostolos. A innocencia com o castigo hũa coroa de penitente entre o coro dos Confessores. A vida com a morte hũa coroa de mortificada entre o coro dos Martyres. A clausura com a peregrinaçam hũa coroa de peregrina entre o coro das Virgês. Assi triumpho quem assi vence: assi alcança quem assi merece: assi goza quem assi trabalha: assi reyna quem assi serue: nesta vida a Deos por graça; na outra vida com Deos por gloria.

Quam mihi, & vobis, &c.

Taxam este Sermam em reis. Lisboa 19 de Nouembro
Menses. Ribeiro.

CA644

V658se



